

A NECESSIDADE DE DESCONSTRUÇÃO DO DISCURSO SOBRE O CONHECIMENTO MATEMÁTICO

JAQUELINE MAGALHÃES BRUM



Refletindo sobre o necessário exercício da aprendizagem inventiva, em especial no campo da Educação Matemática no Brasil, e de liberação da palavra no contexto da sociedade disciplinar (Foucault, 2004) e de controle (Deleuze; Guattari, 1996), sou preenchida pelos fluxos de um passado recente que me transporta para a tensão entre as mensagens dos meios de comunicação e as práticas discursivas da docência que constitui e pelas quais sou constituída em fluxos da coexistência entre o passado e o presente.

Nas redes de relacionamento, pesquisando sobre os discursos matemáticos no século XXI, recebi a seguinte figura ao lado:



Esse tipo de prática discursiva tece um ideário sobre os saberes e os fazeres da ciência matemática ainda bastante comum e com o qual, por incrível que pareça, somos reiteradamente bombardeados. Superficial e anacrônica, entretanto, a reportagem induz à questão: por que os discursos e imagens sobre ciência e educação não mudam?

Parece evidente que, além da reportagem se adequar ao modelo hegemônico da cultura ocidental sobre o conhecimento matemático, ele também é extremamente sexista e preconceituoso, assim como a educação do passado e do presente.

Trago, então, com intuito de fomentar possíveis reflexões e problematizações, algumas outras imagens referentes à como se movimentam as práticas discursivas de crianças, na aprendizagem matemática, tentando tornar visível que estas talvez estejam incorporando significados advindos da produção midiática, e, talvez, até dos ritos escolares consagrados.

Ao trabalhar com alunos das séries iniciais do ensino fundamental, solicitei uma atividade em que eles deveriam relacionar a matemática da escola com a matemática cotidiana, utilizando, para isso, o desenho livre, deparando-me, então, com as situações abaixo ilustradas. Escolho algumas, não no sentido de ser tendenciosa, pois a atividade foi realizada com as crianças de primeira a quarta série, e trago o que parece ser mais repetitivo entre elas:



O título já fala por si só, e as figuras ainda mais. Será que "As crianças da matemática" são robotizadas? Aprendem a decorar e não conseguem na escola ter a liberdade de dizer o que pensam?

Utilizando o símbolo das olimpíadas, será que essa criança vê a matemática na escola e na vida apenas como uma competição, onde os mais fracos e as diferenças são excludentes?



Algumas crianças relacionaram a matemática ao brincar, contudo, em sua maioria, dentro dos muros da escola. Como visto, a maior parte dos desenhos relaciona a matemática ao consumo, à preocupação em demonstrar aos pais o que aprenderam, ou seja, uma matemática que não potencializa a vida. Penso que devemos problematizar o que esses desenhos estão a nos dizer.

Como uma dobra, que se volta sobre si mesma, apresento textos pictóricos, feitos por crianças, aqui neste pequeno relato, visando que professores e educadores matemáticos repensem suas práticas discursivas

em sala de aula, e o que estamos produzindo no imaginário dessas crianças.

Essas representações pictóricas seriam apenas uma reprodução do que as crianças vêm, ou são brechas para pensarmos outras possibilidades que potencializem a vida? Será que temos essa resposta?

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, (1996). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, v. 3, p. 74-124. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão, Suely Rolnik.
- FOUCAULT, Michel, (2004). Vigiar e punir. 29ª. ed. Petrópolis: Vozes. Tradução de Raquel Ramallete.

sobre o(a) autor(a):

Doutora em Educação pelo PPGE/UFES. Membro do grupo Currículos, Cotidianos, Culturas e Redes de Conhecimento/UFES.